

Niassa recebe farmeiros "boers"

Por Pedro Farahane

As terras ricas do Niassa, no Norte de Moçambique, parece que, agora, vão ter outra sorte. Desta vez, não serão os improdutivos vindos do Sul do País que vão produzir, mas, sim, os sul-africanos. O projecto é muito ambicioso dadas as potencialidades agrícolas do solo da maior província do nosso País, aquela que os naturais e não naturais chamam de "esquecida Niassa". Será nos distritos de Sanga, Majune e Macaloge, onde os sul-africanos se vão instalar. Será nestes distritos onde a agricultura mecanizada e a produção de gado bovino serão desenvolvidos pelos "boers", em princípio, durante cinquenta anos. Ao longo do Lago Niassa, mais concretamente nas praias de Meponda e Chuanga, os sul-africanos querem trazer turistas para lazer. A Reserva Natural do Niassa também não vai escapar. O clima geral dos naturais é de que "venham produzir comida". Mas Niassa já teve muitas experiências amargas, daí que haja opiniões opostas quanto à vinda dos sul-africanos. Mas os "boers" já estiveram em Moçambique e eis o que fizeram.

Um grupo de farmeiros "boers" visitou a província nortenha do Niassa, nos fins de Agosto e princípios deste mês de Setembro. A delegação, dividida em dois sub-grupos, tinha um único objectivo: "In loco", inspecionar a fertilidade das terras do planalto. Do lado do governo moçambicano, deslocou-se, de Maputo a Lichinga, Augusto Sumburane, director nacional do Gabinete de Promoção de Investimentos (GPI). Os sul-africanos, durante cerca de duas semanas, que permaneceram na província do Niassa, visitaram os distritos de Lichinga, Sanga, Majune, Macaloge, Maua, Cuamba e Marrupa. De acordo com informações oficiais, de princípio, os "boers" vão ocupar algumas áreas de terra dos distritos de Sanga, Majune e Macaloge. Esses são distritos que o governo de Moçambique considera propícios para o desenvolvimento de agricultura mecanizada e criação de gado bovino.

De recordar que apesar das suas ricas potencialidades na produção de gado bovino, essa actividade nunca foi desenvolvida em grande escala no Niassa, mesmo no tempo colonial. Da África do Sul a Lichinga, os farmeiros viajaram de carros, onde traziam consigo vários

equipamentos para a melhor inspecção da terra. São autênticos agricultores, de botas, chapéus e de calções, é em Lichinga, facilmente se distinguem das outras pessoas. Em cada área indicada, logo que chegassem, os homens indicados para as análises laboratoriais corriam para a escavação da terra e levaram consigo parte da mesma. O objectivo é levar a terra para as "terras do Rande" para a sua posterior análise laboratorial. Os "meninos" de filmagem tinha a missão de levar as imagens das terras do Niassa para a África do Sul.

Os dias foram todos passados assim, no Niassa. Não havia tempo a perder. O Lago Niassa e a Reserva Natural do Niassa também não escaparam. Para além da agricultura, os sul-africanos queriam também desenvolver o turismo. Informações obtidas no Niassa dizem que o turismo será desenvolvido ao longo do lago, nas praias de "Meponda e Chuanga, nos distritos de Lichinga e Lago, respectivamente. A melhor das duas, obviamente, é a de Chuanga, a uns catorze quilómetros de Metangula, sede do distrito do Lago. O director do GPI, Augusto Sumburane, diz que os sul-africanos irão também praticar turismo

equatorial na Reserva Natural do Niassa que compreende Maua, Marrupa e Mecula. Augusto Sumburane diz que o governo moçambicano está apostado em assinar um acordo com os sul-africanos para o desenvolvimento da agricultura e turismo em Moçambique, neste caso concreto, na província do Niassa. Nós estamos prontos, mas, tudo depende dos "boers" depois da visita, diz Sumburane. Augusto Sumburane adianta que entre o sindicato dos agricultores sul-africanos e o governo de Moçambique há um entendimento parcial, mas que tudo depende de outras instituições daquele

compra de vários produtos, como instrumentos agrícolas, fertilizantes etc.. Mas Sumburane acalmou os "boers" dizendo que, uma vez iniciada a sua actividade em Moçambique, eles terão um documento de "residência permanente", o que, obviamente, facilitará as suas deslocações entre os dois países. Enquanto não se instalam em Moçambique, Augusto Sumburane disse que dever-se-á procurar a forma de se simplificar a obtenção de vistos de entrada para os farmeiros sul-africanos.

Outra questão levantada pelos sul-africanos foi a dos procedimentos para a

futuro, o governo moçambicano irá estudar como reabilitar as infra-estruturas básicas da província do Niassa.

Augusto Sumburane explicou aos sul-africanos que para um grande investimento para reabilitação das infra-estruturas naquela província terá que realmente haver uma boa redução que justifique o tal empreendimento.

No dia 31 de Agosto do corrente ano, o governo teve outro encontro de esclarecimento com os pequenos farmeiros locais sobre a vinda dos "boers".

A reunião foi breve, mas com objectivos claros. Os

Lichinga somente para esclarecer a vinda dos farmeiros sul-africanos e que não tinha nenhum mandato para falar das antigas machambas estatais.

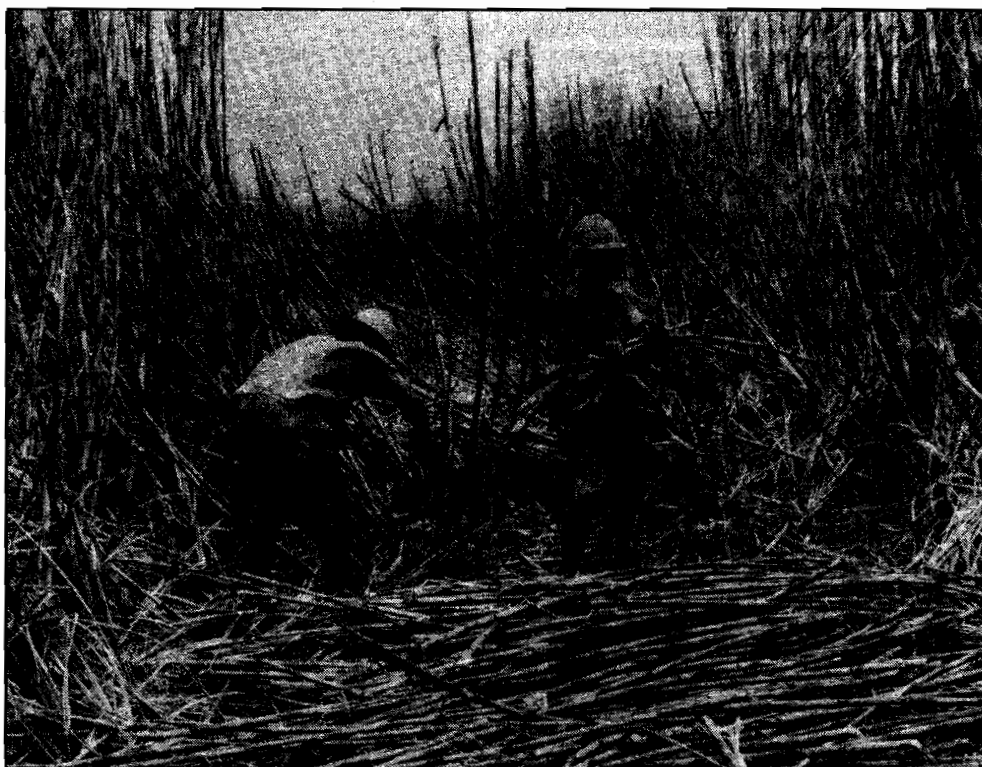
Quando saíram da África do Sul, os "boers" tinham a impressão de que não seriam bem-vindos à província do Niassa. Um dos farmeiros chegou a dizer que "nunca pensei que iríamos ter esta recepção, aqui, no Niassa". Por todas as zonas por onde os "boers" passaram, estes foram bem recebidos pela população local. Gostaram do solo e só faltam as últimas análises laboratoriais. Os farmeiros sul-africanos estão ansiosos em que, num breve espaço de tempo, comecem a produzir o famoso feijão do Niassa, batata reno, verduras e citrinos, assim como desenvolver o turismo. É certo que boa parte da população ficou surpreendida por ver os sul-africanos por falta de informação prévia.

Os políticos no Niassa estão divididos. Uns concordam com a vinda deles, outros não. Alguns círculos políticos pensam que os "boers" vão usurpar terras aos camponeses, ideia que o governo moçambicano já negou categoricamente. Alguns camponeses temem que os "boers" vão estragar a terra por causa da utilização excessiva de produtos químicos.

Em todo o caso, os "boers" parece que estão de malas aviadas, primeiro, para a província do Niassa e, posteriormente, para Zambézia e Cabo Delgado.

Para além de produzir comida, os sul-africanos vão criar oportunidades de emprego aos naturais do Niassa. A prioridade, de acordo com o que já está estabelecido, é empregar, primeiro, os desmobilizados das antigas forças governamentais e da Renamo. Aqui, a ansiedade é maior para os naturais, dado o maior índice de desemprego que a província do Niassa regista.

Alguns até perguntam se os sul-africanos não vão precisar de pessoas que "toscam" inglês. De salientar que há muitas pessoas vindas de Malawi e Tanzânia, onde, há tempos, aprenderam inglês e que, hoje, só pululam nas ruas da cidade de Lichinga ou procuram ser professores de inglês e as escolas não podem receber a todos eles. A OIM vai assistir os antigos soldados a reintegrar-se nas farmas dos "boers". ■



país, incluindo o próprio governo.

Mas Augusto Sumburane acredita que por aquilo que viu e ouviu dos sul-africanos tudo leva a crer que o acordo será assinado brevemente.

Durante a sua estada em Lichinga, o director do Gabinete de Promoção de Investimentos teve vários encontros de esclarecimentos com os "boers", pequenos farmeiros locais e a OTM. Os sul-africanos levantaram várias questões durante o seu encontro com Augusto Sumburane. A mais saliente foi a questão do sistema burocrático em Moçambique. Os sul-africanos disseram ao director do GPI que é difícil obter vistos de entrada para Moçambique e que se assim continuasse seria também difícil fazer frequentes viagens entre Moçambique e a África do Sul. Os farmeiros sul-africanos, uma vez em Moçambique, precisarão de viajar para o seu país para a

alocação das terras. Sumburane explicou-lhes que este assunto ficou simplificado, pelo facto de tudo o que diz respeito à questão da terra, em Moçambique, ter ficado sobre a responsabilidade de uma instituição própria para lidar com estes assuntos. De acordo com o director nacional de Investimentos, os sul-africanos não precisam de tratar nenhuma documentação para obter área de cultivo em Moçambique. Eles chegam e é lhes dada a área para a prática das suas actividades. Também quiseram saber quais as garantias que o governo moçambicano lhes dá para investirem no País. Aqui deixou-se claro que tudo será garantido de acordo com a Lei de Investimentos em Moçambique. Durante o encontro, as duas partes também discutiram sobre as infra-estruturas básicas para o início das actividades, como, estradas, caminhos de ferro etc.. Aqui, ficou claro que, no

farmeiros locais quiseram saber de Sumburane se os sul-africanos iriam ocupar as antigas machambas estatais, o que ele rejeitou. Os "boers" ocuparão terras actualmente improdutivas, disse Augusto Sumburane. "Vocês também podem ocupar as mesmas terras se o quiserem", explicou. De acordo com o director do GPI, os pequenos farmeiros locais podem intercalar as mesmas áreas de cultivo com os sul-africanos para que estes também aprendam a nova tecnologia agrícola sem que haja conflitos. Os farmeiros locais não se mostraram contra esta ideia.

Pelo contrário, de acordo com Anderson Barnabé Njaula, que, no tempo colonial, tinha uma porção de terra na antiga "Nova Madeira", actualmente transformado em machamba estatal de Matama quis saber o destino daquele complexo agrícola.

Sumburane disse ter ido a